

ESSA TAL LIBERDADE - CAJAMARIA

Era começo dos anos 90. Eu tinha uns dez anos quando, pela primeira vez, senti o peso de não caber. Não me deixaram ser a Maria Chiquinha numa competição da escola.

Maria Chiquinha era a música que uma menina cantava com o irmão na televisão. Bonita, talentosa, filha de um integrante de uma dupla sertaneja famosa. Quando sugeri ao grupo que poderia interpretá-la, ouvi de uma colega: “Você não se parece com ela.”

Tentei insistir. Propus ser a moça dos dedinhos. Sabia a música toda e ainda tinha o chapéu igual. Risos...

Desesperada, pensei em ser a Xuxa. Sabia dançar llariê, seria divertido. O silêncio que se seguiu foi doloroso. Contive o choro. Sufoquei a dor. Nem Maria Chiquinha, nem dedinhos, nem Xuxa. Eu ficaria nos bastidores, ajudando um menino a fazer um truque mágico.

Tentei de novo, e a sala novamente rejeitou a minha Maria Chiquinha. Uma menina me disse a real: Eu era muito preta, e a cantora, branca.

Voltei para casa chorando. Pensei que se eu tomasse muitos banhos, talvez minha pele ficasse mais clara. Um banho. Dois banhos. Esfreguei com força a esponja. E a pele continuava marrom. Eu não sou preta, falei a mim mesma, apenas marrom. A Danda era mais preta que eu e meu nariz não era tão largo.

Negra, preta, negrinha, tição!

Essas palavras martelavam na minha cabeça e me arrancavam pedaços de autoestima. Poucas pessoas na televisão eram como eu,

Voltando da escola, cabisbaixa, pensando em como eu me tornaria branca. Eu não queria ser preta.

Ainda com lágrimas nos olhos, parei em um bar para tomar água, e um radinho velho tocava uma música: “Não Deixe o Samba Morrer, não deixe o samba acabar...”

Que voz! Que força! Perguntei quem era. Um rapaz me disse que era a Marrom e mostrou a capa de uma revista: a dama do samba. Que mulher linda, e marrom, como eu.

Na verdade, preta! Eu era preta, e linda.

Meu pai ouvia Martinho da Vila e Bezerra da Silva. Samba corria nas veias de casa. Eu também não queria deixar o samba morrer.

Fui aos discos de vinil do meu pai. Ela estava lá, no disco que ele ganhou de Natal e nunca havia escutado. Botei na vitrola. Olhei no espelho. Era Alcione. Nós éramos lindas, pretas e cantávamos como ninguém. Uma conexão imediata...eu seria a Alcione.

Na escola, cantei Não Deixe o Samba Morrer. A negritude escorria pelos meus poros. Preta, linda, cantora. Para fechar, citei Martin Luther King. Fui aplaudida de pé pelos professores. Nota máxima. Ali, eu era Alcione. Ela era eu. Nossa história de luta e resistência brilhava naquele palco.

Vi o orgulho no rosto do meu pai. Eu não deixei o samba morrer.

Desci do palco. Outro grupo cantava Essa Tal Liberdade. E então, entendi. Liberdade, para nós, negros, sempre foi, e talvez continue sendo, uma falácia.

Mas naquele instante, naquele palco, com minha voz e minha cor, senti que por alguns segundos, a liberdade existiu de verdade.